

Inclusão e Cooperação Universal (*)

Na natureza, todas as criaturas vivas possuem a mesma estrutura de código genético - o DNA. Num certo ponto do processo, os códigos começam a se diferenciar, trazendo identidade peculiar a cada espécie, a cada ser. Uma das belezas da vida está no fato de que o mesmo DNA, responsável por tantas semelhanças entre os seres vivos, é também aquele que os torna tão diferentes e individuais.

No processo de formação da Natureza, ficou assegurado que a vida iria conter ao mesmo tempo simplicidade e complexidade. Cada peça do quebra-cabeças, mesmo a sua menor parte, tem um papel, de maneira (a única maneira) que este pode ser montado e mantido em equilíbrio. Sob a perspectiva do Ser Humano são necessários humildade e orgulho, para compreender e aceitar que somos realmente pequenos em todo o contexto do Universo; porém, cada um de nós tem um papel que deve ser desempenhado para alcançar o equilíbrio. Devemos aprender sobre como viver em diversidade, como aceitar as diferenças individuais e como fazer com que elas nos beneficiem a todos.

Parece que nós, pessoas ligadas à área da deficiência, temos essa visão. Podemos sentir e compreender tais conceitos. Esta visão nos torna responsáveis e nos transforma em importantes porta-vozes para as transformações que a sociedade está começando a introduzir. Estaremos prontos para isto?

No Brasil, costumamos contar a estória de um colibri que, durante um grande incêndio na floresta, foi visto indo e vindo, carregando água no bico e derramando-a sobre o fogo. Os outros animais, muitos deles maiores e mais fortes do que o colibri, fugiam o mais rápido que podiam, pensando somente em salvar a própria pele. Enquanto corria, um leão que observava o colibri perguntou-lhe se ele não havia ainda se dado conta de que não iria conseguir extinguir o incêndio com aquelas poucas gotas de água mas, em vez disso, iria acabar morrendo. Sem parar de trabalhar, o colibri disse, então, ao leão: - estou somente fazendo a minha parte.

Em nosso dia-a-dia, quando tomamos decisões, a maior parte do tempo precisamos escolher entre a visão do leão e a do colibri, sobre o mundo, a vida e sobre nós mesmos. Será que, nesse processo, sequer consideramos ou nos importamos de fato com aqueles que nos rodeiam?

Pobreza & Deficiência

A pobreza é uma privação dos bens e oportunidades essenciais aos quais todo ser humano tem direito. Todos deveriam ter acesso à educação básica e aos serviços primários de saúde. Indo ainda mais além do que apenas renda e serviços básicos, os indivíduos e sociedades são pobres - e tendem a permanecer assim - se não forem capacitados a participar da tomada de decisões que dão forma e sentido às suas próprias vidas.

Aproximadamente 80% das pessoas portadoras de deficiência existentes no mundo vivem em países em desenvolvimento. A pobreza cria condições para a deficiência e a deficiência reforça a pobreza. A exclusão e a marginalização de pessoas deficientes reduzem suas oportunidades de contribuir produtivamente para o lar e a comunidade, aumentando assim o ciclo da pobreza.

Há a expectativa de que o número de indivíduos com deficiências aumente no futuro, caso o crescimento econômico permaneça em desequilíbrio e não se solucionem problemas como equidade, meio ambiente e outras questões sociais.

As deficiências irão aumentar na medida em que a sociedade envelhece. A proporção de crianças deficientes em países em desenvolvimento é também maior quando comparada a países industrializados. Muitos tipos de deficiências, que raramente são encontrados em países ricos (como poliomielite, lesões causadas por minas terrestres, seqüelas de hanseníase), ainda são comuns nos países pobres.

As deficiências colorem e aguçam todos os aspectos e condições humanas. Acentuam e agravam situações de discriminação, preconceito e exclusão enfrentados por mulheres, por minorias em geral, por populações de baixa renda e por todos os outros grupos desprivilegiados. Também salientam claramente e ilustram os diversos aspectos físicos, mentais, sensoriais de sermos humanos, obrigando a sociedade a reagir, a interagir e a refletir sobre isso.

Inclusão e Participação Plena

O caminho para se alcançar auto-suficiência (empowerment) e plena participação como cidadãos é longo e constante. Obriga-nos a forjar a nossa história, pessoal e coletiva, numa base diária. A participação plena somente pode ser verdadeiramente atingida dentro de uma sociedade inclusiva, na qual cada um de nós e, ao mesmo tempo, todos juntos sejamos considerados parte integral do comum, da comunidade que, por sua vez, é responsabilidade do conjunto de seus membros. No entanto, para alcançar esta “sociedade ideal”, constante vigília é necessária.

Nossa existência e nossas vidas, nossa luta permanente por aceitação e reconhecimento são um testemunho de resistência contra a exclusão. Afinal, ainda estamos aqui, após milênios de discriminação, marginalização e até mesmo eliminação de indivíduos com deficiência da face da Terra, através de iniciativas racistas e eugênicas. Porém, o ser humano resiste e sobrevive porque é uma forma de vida feita para esse fim...

É justamente porque nós, pessoas com deficiências, nossos familiares e nossos aliados em todo o mundo, temos enfrentado historicamente discriminação e exclusão, somos sem sombra de dúvidas o grupo de seres humanos mais preparado para discutir e propagar os conceitos de diversidade e inclusão.

É nosso papel, nossa vez de oferecer nosso testemunho, nosso conhecimento, nossa sabedoria à sociedade, neste preciso momento em que - embora ainda não percebido por muitos - chegou a hora de avançar. Já possuímos o sentimento, o conceito, a compreensão, o discurso para explicar o que uma sociedade inclusiva significa. É chegada a hora de incorporar estes conceitos em nossas vidas, atitudes e ações. Somente assim podemos verdadeiramente ajudar a abrir as mentes e os corações, na direção de uma sociedade para todos. Temos esta responsabilidade enorme e não temos o direito de falhar.

Inclusão e Participação Plena

O caminho para se alcançar a auto-suficiência (empowerment) e a plena participação como cidadãos é longo e constante. Obriga-nos a forjar a nossa história, pessoal e coletiva, numa base diária. A participação plena somente pode ser verdadeiramente atingida dentro de uma sociedade inclusiva, na qual cada um de nós e, ao mesmo tempo, todos juntos sejamos considerados parte integral do comum, da comunidade que, por sua vez, é responsabilidade do conjunto de seus membros.

Todavia, para alcançar esta “sociedade ideal”, constante vigília é necessária.

Nossa existência e nossas vidas, nossa luta permanente por aceitação e reconhecimento são um testemunho de resistência contra a exclusão. Afinal, ainda estamos aqui, após milênios de discriminação,

marginalização e até mesmo eliminação de indivíduos com deficiência da face da Terra, através de iniciativas racistas e eugênicas. Porém, o ser humano resiste e sobrevive porque é uma forma de vida feita para esse fim...

É justamente porque nós, pessoas com deficiências, nossos familiares e nossos aliados em todo o mundo, temos enfrentado historicamente discriminação e exclusão, somos sem sombra de dúvidas o grupo de seres humanos mais preparado para discutir e propagar os conceitos de diversidade e inclusão.

É nosso papel, nossa vez de oferecer nosso testemunho, nosso conhecimento, nossa sabedoria à sociedade, neste preciso momento em que - embora ainda não percebido por muitos - chegou a hora de avançar. Já possuímos o sentimento, o conceito, a compreensão, o discurso para explicar o que uma sociedade inclusiva significa. É chegada a hora de incorporar estes conceitos em nossas vidas, atitudes e ações. Somente assim podemos verdadeiramente ajudar a abrir as mentes e os corações, na direção de uma sociedade para todos. Temos esta responsabilidade enorme e não temos o direito de falhar.

Parte do Todo

Durante os últimos 20-25 anos, tem-se afirmado que representamos 10% da população mundial, com direitos específicos que nos dariam equiparação de oportunidades para sobrevivermos e nos integramos às nossas comunidades. Permanecemos ainda exigindo que a sociedade nos aceite e reconheça os nossos direitos. Somos ainda intrusos batendo à porta à procura de abrigo.

Hoje temos um novo desafio: ao invés de provar que somos 10%, temos que convencer a sociedade de que somos uma porção insubstituível dos 100%. Isso pode parecer pura retórica, mas representa uma mudança radical de abordagem usada atualmente pelo movimento dos portadores de deficiência. Agora, quando finalmente conseguimos “provar nossa existência” e começar a ser reconhecidos e respeitados como mais um, entre os muitos grupos humanos em desvantagem, chegou a hora de voltarmos à nossa real origem e nos integrarmos de novo ao todo social. Queremos ser identificados entre os 100%, mesclados às demais crianças, aos demais idosos, àqueles que são muito altos ou muito gordos, aos negros, aos índios, aos estrangeiros, aos pobres, aos comuns, aos diferentes - a todas as diferentes partes do mesmo corpo, da mesma sociedade.

Não devemos temer que esta visão gere a perda de nossa identidade ou dos avanços que já conquistamos. Ela trará expansão de possibilidades, estabelecimento de novas parcerias, apoio mútuo e solidariedade - cooperação universal.

Durante os últimos 15-20 anos lutamos a favor da emancipação de minorias sociais que, como nós, compõem a “classe dos excluídos”. Em outra “linha” vimos, por exemplo, grupos ecológicos disseminando o revolucionário conceito do “pensar globalmente e agir localmente” e propondo a defesa da diversidade. Porém, em consonância com a natureza humana, cada um destes movimentos não se envolve e se compromete realmente com o desenvolvimento do todo, mas apenas com seus interesses específicos.

Certa vez se disse que a história do mundo é a história da exclusão. Hoje, esta abordagem não é mais aceitável.

Nós - toda a sociedade - temos que começar a ver um ao outro como um só, com muitas fisionomias e formas de expressão. Temos que começar a praticar o que exigimos que outros façam. Temos que pensar inclusivamente e viver inclusivamente.

Tempo de Cooperação

Nós, pessoas com deficiências, também tendemos a representar e proteger apenas nossas próprias agendas. Porém, queremos que todos os demais nos incluam - com prioridade - em suas agendas. Sentimos que temos o direito; afinal, a sociedade está em débito conosco. Porém, quem é “a sociedade”? Em nossas próprias vidas, também não excluimos, discriminamos, odiamos?

Os adultos com deficiências têm raramente defendido os direitos de crianças com deficiências. Esta missão foi conduzida quase que exclusivamente por pais, já que pensávamos ser a causa deles diferente da nossa. Ainda hoje, em muitos países, doentes psiquiátricos não são aceitos como parte da comunidade ligada à deficiência. Em pleno ano 2000 ainda estamos criando fóruns internacionais para concentrar algumas organizações ligadas a deficiências com a única finalidade de excluir outras à participação. Ainda vemos as diferentes áreas da deficiência lutando umas contra as outras, os profissionais e famílias sendo tratados como inimigos por organizações de pessoas com deficiências e vice-versa. Naturalmente, existem razões históricas para todas estas atitudes, porém não podemos mais usar isto como desculpa.

Em outras esferas, vemos os movimentos de mulheres excluindo de sua luta a causa das mulheres deficientes. Vemos total falta de solidariedade e colaboração dentro do movimento social, como se pudéssemos solucionar os problemas de um grupo sem solucionar os problemas da sociedade como um todo.

Vemos as Nações Unidas excluindo pessoas que falam idiomas que não o inglês de participação nas discussões. Um número demasiado grande de documentos das N.U. e suas Agências ainda existem exclusivamente em inglês, quando não são traduzidos através da iniciativa isolada de organização filiada de algum país. Mesmo presentemente, na Era da Globalização, comunicação e informação são destinadas a serem um luxo de poucos privilegiados.

Com a Era da Globalização, a informação circula instantaneamente. A noção de tempo e espaço é modificada e hoje participamos de um mundo mais rápido, mais global, mais tecnológico, mais interativo... porém, ainda não INCLUSIVO.

Os programas internacionais voltados ao desenvolvimento econômico e social devem exigir padrões mínimos de acessibilidade em todos os projetos de infra-estrutura, incluindo tecnologia e comunicações, para assegurar que todas as pessoas sejam amplamente incluídas na vida de suas comunidades.

Tenho o luxo de viver nos Estados Unidos, um país como poucos, provavelmente o que mais oferece a seus habitantes. Meu país, o Brasil, infelizmente sofre uma das piores distribuições de renda do mundo. Porém, se colocarmos estes fatos em perspectiva, os Estados Unidos têm um vigésimo da população do mundo e acumulam um terço de toda a riqueza do mundo. Faz-se urgente a necessidade de cooperação universal.

Um Futuro para Todos

Hoje, a questão da INCLUSÃO permeia nosso discurso político, não somente na área de deficiências. E ele TEM que ser coerente com nossa prática, tanto internamente - como movimento - quanto nas nossas relações com o público em geral.

Como Justin Dart, um poderoso líder e humanista do movimento de deficiências nos Estados Unidos, diz:

“Temos que mudar o sistema de valores que define vencer como acumular símbolos de prestígio que fazem uma pessoa se sentir superior a outras pessoas. Vencer é quando você preenche seu potencial pessoal e passa a criar uma vida com qualidade e dignidade para si e para todos”. E ele conclui: “a vida não é um jogo

de criança que necessite vencedores e perdedores. Declaremos o Século 21 como o século da vitória para todos!”

O preconceito e a discriminação são a base da exclusão. O conceito de inclusão é holístico e somente pode existir com sucesso se for absorvido e trabalhado por toda a sociedade, em conjunto.

Notem as importantes mudanças de abordagem, por exemplo, dentro da área das deficiências no último século. Entre os “velhos paradigmas” havia inicialmente a institucionalização, onde todos os que eram “diferentes” eram segregados, tratados em isolamento do contexto social. Mais tarde vieram os padrões de “normalização” e “integração”, através dos quais a sociedade desejava “adaptar ou encaixar” aqueles considerados “diferentes” do *status quo* existente - uma sociedade que exclui tudo que não se adapte inteiramente à sua estrutura.

Os seres humanos não têm sido intrinsecamente inclusivos, porém, ao contrário, discriminatórios por natureza, temendo e rejeitando tudo aquilo que seja diferente, tudo aquilo que não conheçam ou compreendam. Construímos uma sociedade pensada e projetada para um homem-padrão, próximo à “normalidade” que, de acordo com estatísticas internacionais, não corresponde à verdadeira condição de mais de 80% da população.

Hoje estamos falando em re-construção; um novo conceito de sociedade - inclusiva - a ser planejada para todos. Isso significa que não mais iremos criar espaços físicos e serviços voltados para um “mítico homem médio” e sim para a população real, incluindo pessoas idosas, crianças, mulheres grávidas, obesos, pessoas temporariamente incapacitadas, usuários de cadeiras de rodas, pessoas cegas ou com deficiência visual, surdas ou com deficiência de audição, e assim por diante...

Estamos falando de DIVERSIDADE: uma sociedade NOVA, de e para todos os homens e mulheres de todas as idades e condições físicas, de todas as origens, raças, culturas, religiões, opções sexuais e ideológicas, condições sociais... o único tipo de sociedade que pode ser sustentável e permitir verdadeiro e completo desenvolvimento humano.

Este futuro exige o crescimento humano e pessoal, tolerância, aceitação, solidariedade e cooperação.

Nossa geração, na comunidade ligada à deficiência, tem tido o privilégio de ajudar a gerar novos paradigmas para o futuro, dentro do universo da diversidade. Agora temos a oportunidade e o desafio de contribuir para sua implementação de fato. Somente seremos capazes de fazer isto se, servindo como indivíduos e instituições, aplicarmos estes novos paradigmas a esta sociedade inclusiva - ainda utópica mas não impossível - como base para nossas decisões diárias e ações pessoais e profissionais.

Valores como tolerância, solidariedade e cooperação devem perder seu estigma quase que religioso e se tornarem parte de nossas vidas diárias - conceitos para serem praticados verdadeiramente, com a mente e com o coração.

Aqui, agora, dia após dia, temos a responsabilidade de ajudar a construir o momento mágico de transformação - quando nos sentaremos juntos à mesma mesa, conselhos representando grupos humanos de todos os tipos - um “Conselho de Jedais” - para celebrar a força, a sabedoria e a riqueza da DIVERSIDADE.

(*) Rosangela Berman Bieler, Presidente do Instituto Interamericano sobre Deficiência-IID